

As paisagens do universo do vinho: uma abordagem entre o Douro (Portugal) e a Campanha Gaúcha (Brasil)

The landscapes of the wine universe: an approach between the Douro (Portugal) and the Campanha Gaúcha (Brazil)

Vanessa Manfio¹

Resumo

As paisagens são fruto de um conjunto de formas espaciais construídas pelo trabalho humano sobre a natureza. Quando se aborda as paisagens vitícolas, estas têm o vinho no centro da construção socioespacial, mas além dele existem outros elementos como, o ambiente, a cultura, o olhar do observador, os elementos invisíveis e intangíveis. Pensando nestas paisagens vitícolas é que este trabalho propõe discutir as composições paisagísticas do vinho no Douro (Portugal) e da Campanha Gaúcha (Brasil), apontando as singularidades de cada paisagem e a análise do entendimento sobre as paisagens do vinho. Partindo de um estudo de revisão de literatura, conhecimento das regiões e conversas informais com registro de dados e informações. Para, então, poder contribuir com os estudos sobre esta temática, principalmente em virtude da paisagem do vinho ser uma questão importante no Brasil e em Portugal.

Palavras-Chave: Paisagem vitícola; Douro; Campanha Gaúcha.

Abstract

Landscapes are the result of a set of spatial forms built by human work on nature. When approaching viticultural landscapes, they have wine at the center of socio-spatial construction, but in addition to it there are other elements such as the environment, culture, the observer's gaze, invisible and intangible elements. With these viticultural landscapes in mind, this work proposes to discuss the landscape compositions of wine in the Douro (Portugal) and Campanha Gaúcha (Brazil), pointing out the singularities of each landscape and analyzing the understanding of wine

¹ Pós-Doutoranda em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). vamanfio@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0405-5389>.

landscapes. Starting from a literature review study, knowledge of the regions and informal conversations with data and information recording. In order, then, to be able to contribute to the studies on this theme, mainly because the wine landscape is an important issue in Brazil and Portugal.

Keywords: Wine landscape; Douro; Campanha Gaúcha.

Introdução

O termo paisagem é importante para muitas ciências, pois traduz bem a relação da sociedade com a natureza, através de produção de formas visíveis e invisíveis. A paisagem é eclética, pois é utilizada por várias ciências, entre elas: antropologia, geografia, arquitetura, arte e pintura, entre outras. Assim, a paisagem é um conjunto de formas, que retratam o trabalho humano sobre a natureza e relaciona-se a vários espaços, entre eles aos marcados pelo vinho, compondo as paisagens vitícolas.

Nas paisagens vitícolas, a uva e o vinho são os elementos centrais e desencadeadores de observações, porém além do vinho cada paisagem do universo do vinho tem outros elementos que são únicos e produzem paisagens originais, tais elementos são: o ambiente, a cultura, a história, o cotidiano (tradicional ou moderno).

Fazer uma leitura destas paisagens torna-se um ponto de curiosidade de muitos pesquisadores, embora, não apareça tanto na literatura, especialmente no Brasil. Assim, analisar a paisagem do vinho é compreender os sons, os tons, os sabores, os desenhos, as formas e inter-relações dos elementos do arranjo espacial.

Partindo disso, este artigo buscou discutir sobre as paisagens do universo do vinho do Douro (Portugal) e da Campanha Gaúcha (Brasil), enfocando os elementos presentes em cada paisagem e traçando as particularidades originais de cada uma delas. Justifica-se a importância do trabalho para o reconhecimento da geografia do vinho, ainda pouco discutido no Brasil, mas largamente contextualizado em outros países, incluindo Portugal. E este entendimento envolve um misto de ambiente, cultura e trabalho humano, importante aos estudos geográficos regionais.

No trabalho foram utilizados os seguintes recursos metodológicos: revisão de bibliografias, trabalho de campo com visitas às regiões vitícolas, registro de dados e coleta de materiais, e conversas informais. Este texto foi construído, a partir de dados coletados na realização do Doutorado e no Estágio de Doutorado no Exterior, ambos financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

Desse modo, primeiro serão discutidas as referências sobre a paisagem e paisagem vitícola, para depois tratar das paisagens do Douro e da Campanha Gaúcha, tecendo entendimentos

construídos sobre as características, elementos, composição paisagística e bases históricas, e então concluir com a unicidade de cada paisagem.

Geografia, paisagem e vinho: uma discussão necessária

A paisagem é um dos conceitos geográficos de suma importância para os estudos e análises a respeito do espaço-sociedade, pois a partir da análise paisagística são tecidas discussões sobre o espaço, as mudanças ocorridas nele e a relação delas com o trabalho humano. Dessa forma, a categoria paisagem constitui-se num conceito-chave capaz de fornecer unidade e identidade no contexto de afirmação da Geografia como ciência (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998).

Dada sua importância, “a paisagem é um conceito geográfico que desperta o interesse de muitas ciências e pesquisadores” (MANFIO; MEDEIROS, 2017, p. 21). É um conceito utilizado pela geografia, arquitetura, urbanismo, artes e outras. Na verdade, o surgimento da expressão paisagem aparece ligado à arte e à pintura e não imediatamente à geografia. O conceito de paisagem, até por volta do século XVIII, era vista nas obras de pinturas, mostrando a relação entre arte e lugar (SALGUEIRO, 2001). Neste período, “a paisagem era sinônimo de pintura”. (LUCHIARI, 2001, p. 15). Ainda, a expressão paisagem esteve relacionada à expressão italiana *paersaggio*, empregada para analisar as pinturas da Renascença, onde a sua ideia era de representação do que se observava (CHRISTOFOLETTI, 1999). Portanto, a paisagem é um saber que contempla o campo das artes e retrata o espaço.

Por outro lado, “a noção de paisagem acompanha a existência humana desde o início, uma vez que a sobrevivência dos seres humanos sempre dependeu de sua relação com o meio” (MAXIMIANO, 2004, p. 83). No entanto, na geografia, “a partir de Humboldt, iniciam estudos mais sistemáticos que levariam à compreensão de paisagem como resultante de um complexo de interações entre elementos naturais e humanos” (MAXIMIANO, 2004, p. 83). Humboldt utilizava o termo “paisagens naturais” para designar áreas homogêneas, em morfologia e vegetação (SILVEIRA, 2009). No século XIX, outro pesquisador da geografia que ganhou destaque na abordagem da paisagem foi Ratzel, relacionando a sociedade com a natureza. Portanto,

[...] o conceito de paisagem foi originalmente ligado ao positivismo da escola alemã, numa forma mais estética, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais e numa forma mais dinâmica, na geografia francesa, onde o caráter processual é mais importante (SCHIER, 2003, p. 80).

Neste sentido,

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de

elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 2004, p. 141).

Já o pesquisador La Blache insere a cultura ao conceito de paisagem, trabalhando com outra visão que se difere dos positivistas e deterministas. La Blache discutiu a relação homem-natureza na perspectiva da paisagem, mas diferente de Ratzel, que tratava apenas a relação homem-meio, este colocou o homem como um ser ativo, influenciador do meio (BECKER, 2006). Na Geografia, Carl Sauer, também foi importante na discussão da paisagem com sua obra intitulada *The Morphology of Landscape*, de 1925, onde o termo paisagem passa a ser um conceito unitário da Geografia, abordando a fenomenologia das paisagens (MACIEL; LIMA, 2011).

Contudo, na Geografia Tradicional a paisagem é a fonte de dados, e também a matéria-prima de trabalho e elaboração de conceitos, partindo da observação, da indução e generalização (CAVALCANTI, 2010/11). Por conseguinte, na Geografia Crítica, a paisagem não é o ponto chave das discussões, mas é tratada como a forma do espaço ou a dimensão do visível, percebido e concebido (CAVALCANTI, 2010/11).

A partir de tudo isto, a paisagem foi sendo geografizada e adquiriu outros elementos e dimensões, ao longo do tempo. O conceito de paisagem, logo, é compreendido como: “um conjunto de formas, que num dado momento exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 1996, p. 103). Nesta linha, o conceito de paisagem refere-se a um conjunto de formas naturais e culturais, associadas a uma determinada área (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998). Frisa-se ainda que,

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza [...] (BERQUE, 1998, p. 82-83).

A paisagem apresenta várias dimensões,

A paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p.8).

Isto quer dizer que a paisagem é constituída de formas concretas que são visíveis e observadas por um olhar. De acordo com Sauer (1998, p. 24), “A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais”. Portanto, “A paisagem é introjetada

no sistema de valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio” (COSTA; GASTAL, 2010, p. 4).

Nesta visão mais subjetiva, Cosgrove (1998, p. 98) afirma que “a paisagem de fato é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visível”. Ressalta-se ainda Risso (2008, p. 72) que, “as paisagens estão marcadas pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos”.

A paisagem, desse modo, se compõe num conceito complexo que apresenta particularidades e uma intrínseca relação com os demais conceitos geográficos, especialmente o espaço e território. Segundo Maximiano (2004, p. 90), “Paisagem não é o mesmo que espaço geográfico, mas pode ser compreendida como uma manifestação deste”. Em relação ao território estes dois conceitos não são sinônimos, pois a paisagem nasce da intersecção entre observação e o território material (RAFFESTIN, 2009). Assim, “A paisagem, em outras palavras, pode revelar-se como uma manifestação empírica da territorialidade” (RAFFESTIN, 2009, p. 35). Por relacionar-se com os espaços geográficos, a paisagem pode ser tratada com vários adjetivos: paisagem cultural, paisagem natural, paisagem urbana, paisagem rural, paisagem vitícola.

As paisagens vitícolas são o retrato da videira, das construções naturais e das humanas aguçadas na visão do telespectador. A paisagem vitícola é o resultado de inúmeros processos naturais e humanos, que relacionam entre si e envolvem componentes como o terreno, a técnica e a cultura (JOLIET, 2006 apud FALCADE, 2011). Existem elementos que são importantes no estudo das paisagens vitícolas, como: a cor da uva e dos vinhedos, a forma como que os vinhedos foram implantados, e os elementos emblemáticos do estão no ambiente (JOLIET 2006 apud FALCADE, 2011).

Além disso, as paisagens vitícolas são frequentemente identificadas por elementos de terreno e exposição, que envolvem as formas de produção, técnicas vitícolas, comunicação e arquitetura e criam um ambiente importante para o enoturismo (DUBRULE, 2007). De certa forma, o enoturismo é um mecanismo para valorização e preservação da paisagem, assim como torna a paisagem um elemento de consumo ao turista. Em síntese,

As paisagens vitícolas brasileiras têm o espaço como condição de existência e, mas são resultado do trabalho, são testemunho da cultura, são expressão da identidade daqueles que as construíram. Embora não sejam imutáveis, estão fixas no espaço (FALCADE, 2006, p. 14).

As paisagens ligadas ao vinho são também imateriais, pois revelam emoções, sensações, memórias, cheiros, histórias, percepção, sendo subjetivas, dependendo do olhar do observador (MANFIO, 2021). Sabe-se que a vitivinicultura se relaciona com a cultura, pois o trabalho humano é

um ponto chave na elaboração do vinho e da constituição de territórios vitícolas. A paisagem vitícola é original, não apenas pela escultura ambiental do espaço, mas pelo resultado do trabalho humano, às vezes invisível, mas resultante na forma vitícola final (FALCADE, 2003). Por isso, este tipo de paisagem pode se tornar valorizada e aparece frequentemente como um patrimônio cultural ou em imagens de *terroir*. Para Manfio (2022, p. 536), “as paisagens dos vinhedos são também polisensorial, pois expressam várias sensações e emoções, bem como envolvem o caráter cultural, porque são patrimônios históricos e culturais”. Como é o caso do Douro (Portugal) reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio da Humanidade em 2001.

As paisagens vitícolas podem evocar a essência dos espaços e da sociedade, sua cultura e as formas de estruturar a vitivinicultura. Em todos os territórios do vinho, existem sempre elementos diferenciadores que compõem a paisagem, por exemplo, no Chile a paisagem do vinho relaciona-se com a Cordilheira dos Andes, na Toscana com a cultura italiana e o lugar, na França pelos Castelos e os vinhedos, no Douro em Portugal por terraços de vinhedos, em Rioja (Espanha) o destaque é a Serra de Cantabria e os solos argilosos e calcários que enaltecem os vinhedos extensos, no Vale dos Vinhedos (Brasil) pela figura do imigrante italiano e na Campanha Gaúcha (Brasil) pela identidade gaúcha e o Pampa.

Entender as paisagens vitícolas requer observar os elementos constituintes delas, para o trabalho humano e para o ambiente. É sabido que estas paisagens são um somatório entre estruturas de vinificação, vinícolas, vinhedos, práticas enoturísticas, paisagens naturais, e identidades culturais.

A paisagem do Douro e os vinhedos

O Douro é uma região localizada ao norte de Portugal e na fronteira com a Espanha (Figura 1). É uma região tradicionalmente conhecida pela vitivinicultura e que compõem uma diversidade socioeconômica e de paisagens. Pode-se dizer ainda, que o Douro encontra-se dividido em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior, sendo uma parte da paisagem reconhecida como Patrimônio da Humanidade, chamada de Alto Douro Vinhateiro (ADV).

Nesta região, a produção de vinhos é antiga. Segundo Manfio (2021, p. 87), “Pela literatura portuguesa, a presença da vinha é muito antiga, antes mesmo da formação do Estado Português”. Mais especificamente, desde o surgimento de Portugal já existiam registros de plantios de vinhas no Vale do Douro, sendo a expansão da vitivinicultura na região, provocada por interesses comuns de senhores, camponeses e de ações religiosas (CARRERA, 2002). Porém, a viticultura somente foi possível no Douro porque os antepassados que habitavam a região construíram uma espécie de

pirâmide de terraços, ao longo das margens do Rio Douro e seus afluentes, onde as vinhas eram plantadas em baixa profundidade, sendo evolutivo o processo de cultivo da vinha (CARRERA, 2002).

Figura 1- Região do Douro, Portugal



Fonte: <https://www.decanter.com/features/the-discovery-of-douro-terroir-245620/>
 Acesso: 15/5/2022.

Outros acontecimentos políticos e socioeconômicos também marcaram o desenvolvimento da vitivinicultura na região, entre eles destacam-se: os avanços de técnicas e a demarcação da região pelo Marquês de Pombal (MANFIO, 2018). Ainda, o Douro foi a primeira região vitícola do mundo a ser demarcada e regulamentada. Esta demarcação ajudou a conferir uma reputação aos

vinhos da região (FAUVRELLE, 2006). Esses avanços e a demarcação permitiram uma qualidade ao vinho e um reconhecimento para fora de Portugal da vitivinicultura que se desenvolvia no Douro. Manfio (2018) coloca que o transporte, as inovações, e a própria crise provocada pela filoxera² deram novos impulsos à vitivinicultura e transformaram a paisagem do Douro Vinhateiro.

Sobre as características ambientais importantes para o entendimento da paisagem, a vegetação é um dos elementos importantes. Nesta região, Ribeiro (2000) menciona que predominam dois domínios fitogeográficos: o domínio fitogeográfico mediterrâneo (Douro Superior e Cima Corgo) e o domínio sub atlântico na região do Baixo Corgo. Essa vegetação recebe influência do clima continental e da condição mediterrânea do país.

Quanto ao clima e geologia, pode-se dizer que o clima é um fator importante para a videira, sendo visto um período de inverno rigoroso e chuvoso; um verão quente, seco e com dias longos, fundamental para respectivamente a dormência e o crescimento da videira. Além disso, geologicamente o Douro está inserido numa zona do complexo de xisto e formações graníticas, sendo a área de xisto presente ao longo das encostas do Vale do Douro e das secções inferiores de seus afluentes (FAUVRELLE, 2006, p. 87-88). Esta composição rochosa permite a absorção de luz e calor, reduz a erosão e permite a maior infiltração da água, mantendo o desenvolvimento das videiras (PINHO, 2012). Os xistos são uma marca da paisagem e através deles foi possível se constituir as intervenções humanas de terraços e a amarração do relevo vertical.

Outro elemento marcante da paisagem vitícola é o Rio Douro que divide o espaço com as vinhas. Para Sousa e Pereira (1998, p.18) “Este rio, que emprestou o seu nome às encostas que o compõem, é também um monumento histórico, testemunho vivo de uma luta de séculos travada pelo homem para dominar”. As condições ambientais e o rio são marcas deixadas na produção do vinho e na paisagem (MANFIO, 2022). Todos estes elementos, clima, vegetação, relevo, hidrografia, são significativos para construção da paisagem do Douro, que é o resultado destas condições naturais.

Além destes elementos, estão presentes nesta paisagem, os elementos sociais como o escadório monumental dos socalcos e patamares (métodos de amarração e disposição das videiras), que estão presentes nas encostas do Rio Douro e seus afluentes, onde estão as vinhas (FERREIRA, 1999). Os socalcos pré-filoxera, com muros de paredes baixas foram construídos por sobreposição de pedra, estreitos e irregulares foram destruídos com a crise da filoxera, dando origem aos designados moratórios (vinhas mortas) visíveis na paisagem (LOURENÇO-GOMES; REBELO, 2012). Os moratórios são elementos da paisagem do Alto Douro Vinhateiro que é a parte da região reconhecida como patrimônio da humanidade. “Depois da crise provocada pela filoxera,

² A crise da Filoxera foi causada por uma praga que atingiu os vinhedos do mundo todo, especialmente da Europa, por volta de 1860, devastando videiras e implicando na criação de novas técnicas para vitivinicultura.

a vinha foi plantada em terraços contínuos e regulares, sendo mais largos e um pouco inclinados, favorecendo a sua exposição solar” (LOURENÇO-GOMES; REBELO, 2012). Os terraços construídos após a filoxera contam com técnicas modernas, com a utilização de terraplanagem e que permite uma disposição maior das videiras. Dessa forma, os terraços e moratórios são elementos da paisagem vitícola.

Ainda, na paisagem vitícola do Douro coexistem várias formas de implantação da vinha e de construções de moradia, quintas e aglomerados com construções simples (LOURENÇO-GOMES; REBELO, 2012). Ademais, a paisagem é constituída da presença de elementos velhos e modernos, pelo modo de vida e produção. Para Fauvrelle (2006, p. 87), “Esta paisagem vitícola é um tipo específico de paisagem agrícola representada pela sua produção e pelo uso do solo”. Bem como representa uma cultura e um saber fazer, um trabalho de um povo que cultiva e produz vinhos.

Em geral, a paisagem atual do Douro caracteriza-se, principalmente, pelas extensas vinhas, construídas em terraços, além de vegetais e jardins ornamentais, pomares e pequenos bosques (COSTA, *et. al.*, 2010). A diversidade rural, como as oliveiras, cítricos, fruticultura, amendoeira. Isto é importante para trazer novas alternativas produtivas para a área mais pobre do Douro. É uma paisagem em constante transformação e em busca de desenvolvimento para a vitivinicultura e para outras formas de vida local. Estes elementos mostram que a paisagem do Douro mantém os cultivos agrícolas, não apenas os vinhedos, mas outras atividades que foram ganhando destaque com o passar dos anos.

Nesta paisagem, como dito anteriormente, estão presentes as quintas, igrejas e construções medievais, o rio Douro, os terraços, os vinhedos, as construções modernas, infra estruturas como torres de energia elétrica, painéis eólicos, indústrias e vinícolas, as atividades agrícolas, casas, e o vale formado pelo rio Douro. Alguns destes elementos citados podem ser visíveis nas figuras 2, 3 e 4. Na figura 2, é possível visualizar as videiras, os vales da região, algumas construções, enquanto na figura 3 aparecem a vegetação e os xistos, as antigas construções, como a majestosa casa senhorial do século XIX. Já, na figura 4 é possível observar os vales, os terraços com videiras, os vinhedos e as construções modernas, de grandes hotéis que investem no enoturismo da região. Construções estas com piscina, prédios e outros elementos. Então, no Douro a paisagem ambiente acompanha antigas construções de tempos históricos diferentes, mas também de construções modernas de hotéis e empresários.

Todos estes elementos visíveis no espaço e nas figuras a seguir reforçam que a paisagem duriense é a união entre o ambiente, o social, a cultura entre outros. Os vales, a vegetação, o rio, o solo dividem a paisagem com as construções humanas como os terraços, hotéis e construções. Os terraços marcam também uma condição cultural, assim como a história, as antigas quintas e

igrejas. Dessa forma, a paisagem vitícola do Douro é singular, não existe outra com os mesmos elementos.

Figura 2- As videiras e a paisagem local



Fonte: foto tirada por Fabrício Lopes de Macedo, São João da Pesqueira (8/11/2016)

Figura 3 - A paisagem vitícola do Douro



Fonte: <https://lespacetours.com.br/hoteis-vale-do-douro/> Acesso em: 26 de out. de 2022.

Figura 4 – As modernas construções no Vale vinhateiro do Douro



Fonte: <https://www.portugalbywine.com> Acesso em: 26 de out. de 2022.

Especificamente quanto às construções, convém destacar que, elas marcam a paisagem e são visíveis pelas capelas, igrejas, mosteiros e de herança Medieval marcado por castelos como o Castelo de Ansiães (SOUSA; MONTE; FERNANDES, 2013). Destacam-se ainda, em meio às áreas de vitivinicultura as casas senhoriais do século XVIII, núcleos urbanos como Régua, Lamego e Vila Real (PINHO, 2012). Os museus e mosteiros também são parte da história e cultura do Douro e da vitivinicultura e estão materializados na paisagem do Douro, em Lamego, Vila Real, Guarda, São João da Pesqueira e Porto.

Além disso, existe uma rica arqueologia na região do Douro como os Sítios de Pinturas rupestres de Vila Nova de Foz Coa (MANFIO, 2021). Na paisagem do Douro estão presentes também a arquitetura popular do povo ibérico, os utensílios antigos utilizados na agricultura e vitivinicultura, as caves de vinhos, as pontes e linhas de ferro (SOUSA, 2018). Estes valores culturais também são parte integrante da paisagem cultural do Douro.

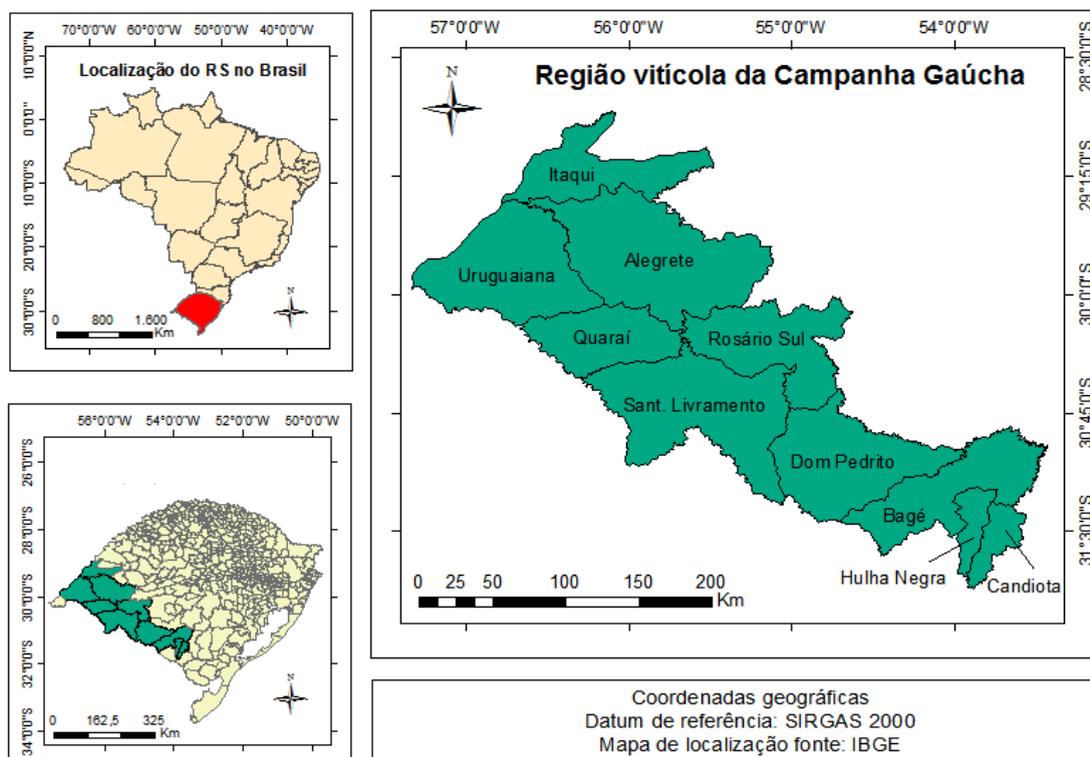
Sem dúvidas, a paisagem vitícola do Douro é um resultado da natureza e do trabalho humano milenar que foi transformando o espaço com a vitivinicultura. É uma paisagem que tem marcado a identidade destes elementos humanos e naturais com a vitivinicultura. A vitalidade dessa paisagem, portanto, dependerá da ação dos atores locais na valorização do patrimônio cultural e paisagístico, tendo quem sabe o turismo como uma porta de entrada para a dinamização do espaço, sem se perder a sua essência frente à indústria do consumo e do turismo.

A paisagem vitícola da Campanha Gaúcha

A região vitícola da Campanha Gaúcha (figura 5) está localizada na Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul (Brasil), numa área de divisa com os países Uruguai e Argentina. Essa região situa-se nas coordenadas 29º e 32º de Latitude Sul, sendo contornada pelas regiões da Serra do Sudeste, Depressão Central e Missões (EMBRAPA, 2022).

Esta região é formada a partir da colonização portuguesa e espanhola no sul do Brasil, por isto apresenta ainda hoje traços deste período e destas culturas. Na colonização da Campanha Gaúcha, os portugueses ao tomar posse das terras construíram estâncias de exploração de gado (ovino e bovino) com a utilização da obra dos negros, vindos da África, na fabricação do charque (SALEH, 2015). Estas estâncias foram constituídas através das sesmarias e depois da fixação da população, que aconteceu para evitar a perda do território para os espanhóis que também lutavam por esta área. A formação territorial repercutir em inúmeras batalhas, dos quais a criação do gado passou a ser o ponto de poder e economia local para efetivação da posse, sendo o estancieiro o responsável por lidar nas estâncias e ser a força militar, sob orientação de poder da Coroa e Estado português (HEIDRICH, 2000).

Figura 5- Região vitícola da Campanha Gaúcha.



Fonte: elaborado pelo autor (2015).

Esta condição marcou o surgimento da figura do Gaúcho que faz parte da identidade do Rio Grande do Sul e das tradições culturais da Campanha Gaúcha. A figura do gaúcho tem uma profunda vinculação do gaúcho, do meio rural, que anda a cavalo, corajoso e destemido, sendo representada na produção musical, nos eventos festivos, nos costumes, como chimarrão e churrasco (FREITAS; SILVEIRA, 2004). Assim, como a estância constituiu-se a marca da região, que vinculou a sua economia a pecuária e agricultura.

Convém destacar que esta região era propícia para criação de gado, pois apresenta um relevo suave a ondulado, de campos de gramíneas e com pequenos arbustos, num ecossistema que constitui o Bioma Pampa. É uma região de forte insolação, com invernos frios e verões quentes. Existe uma grande diversidade vegetal e animal neste bioma, além de condições geológicas e geomorfológicas, aspectos hidrológicos e climáticos que torna este território não homogêneo, mas que foi comprometido ambientalmente pela agricultura, pecuária, e introdução de vegetação exótica (BOLDRINI et al., 2010). Dessa forma, o bioma e as condições humanas/históricas e econômicas são essenciais no entendimento das características da Campanha Gaúcha.

A Campanha Gaúcha não teve uma tradição vitícola reconhecida, assim como o Douro. No processo de colonização da região foram introduzidas, nesta área, vinhedos, especialmente pelos jesuítas espanhóis e portugueses, no século XVII (SOUSA, 1969). Mais tarde, famílias da região do Uruguai tentaram desenvolver a vitivinicultura e a produção de vinhos, mas sem sucesso contínuo. Para Dal Pizzol e Pastor (2016), o movimento vitivinícola do século XXI surgiu com a influência de produtores advindos do Uruguai, de forma preponderante a partir de 1880, entre eles destaca-se os Marimon.

No século XX, ocorreu mais uma tentativa de desenvolver a vitivinicultura na região, como afirma Flores (2015), a partir de estudos científicos que demonstraram as potencialidades da região para produção de vinhos finos. Logo, em seguida a Almadén se instala em Bagé e posteriormente em Santana do Livramento para desenvolver um projeto vitícola (FLORES, 2015). A partir dos estudos e da instalação de vinícolas de fora da região, produtores locais e empresários de outros setores começaram a investir neste segmento, para produção de vinhos. Em poucas décadas, a vitivinicultura ganhou destaque na região e mostrou-se um caminho promissor para a diversificação das atividades econômicas da região.

Depois de percorrer destas características regionais, a paisagem, atualmente, é marcada pela presença de grandes extensões de vinhedos, implantados na forma vertical (vinhedos em espaldeira), de inserção de grandes empresários e com mecanização, marcando uma vitivinicultura moderna (figura 6). Na figura 6 é possível visualizar uma máquina colheitadeira de uvas utilizadas pela Almadén na Campanha Gaúcha, sinalizando a mecanização da vitivinicultura na região. É

comum a presença de tratores, máquinas e inclusive a introdução de painéis solares nas vinícolas representando um novo momento para região e para vitivinicultura local. As condições ambientais de relevo plano e a orientação das videiras facilitam a introdução de máquinas, ao invés da utilização de mão de obra e das técnicas manuais de colheita. Além disso, os grandes grupos empresariais, tais como a Miolo, investem nestas tecnologias, a fim de ampliar a colheita de uva e reduzir os custos de mão de obra, já que também é um desafio na região. Na região existe pouca mão de obra qualificada para poda das videiras e colheita das uvas.

As máquinas representam para os empresários uma produção maior, pois logo conseguem realizar as tarefas com mais velocidade e com custos inferiores. Assim, o capital adentra a vitivinicultura da Campanha Gaúcha, podendo futuramente implicar em acentuadas desigualdades, colaborando para o crescimento da vitivinicultura empresarial e não de uma vitivinicultura sustentável que agrega os valores, tradições e gere emprego e renda na região.

Figura 6 – Os vinhedos e a modernidade



Fonte:

<https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/bebidas/campanha-gaucha-referencia-vinhos-brasileiros/amp/>. Acesso em: 26 de out. de 2022.

Por conseguinte, a paisagem regional também apresenta uma nova composição de formas, de atividades econômicas, mas ao mesmo tempo coexistem as antigas atividades como a pecuária e a agricultura. A vinícola e a estância, os vinhedos e a criação de gado estão no mesmo espaço. E

assim na paisagem estão materializados os elementos da pecuária, da cultura gaúcha, do Pampa e do vinho (MANFIO; MEDEIROS, 2017). Ainda, Manfio (2022, p. 548), afirma que,

Os vinhedos e vinícolas dividem espaço hoje com o Bioma Pampa, com a pecuária, com as grandes estâncias e produção agrícola, especialmente arroz, soja e do eucalipto, inseridos no contexto regional recentemente. Destarte, a paisagem regional é composta pela presença de outros cultivos como frutas cítricas, marmelos, macieiras, flores e capões de mata nativa.

Então, a pecuária e a vitivinicultura são peças emblemáticas da Campanha Gaúcha (figura 7), pois muitos empresários de empresas vitícolas locais são também produtores de gado ovino e bovino, dessa forma, a estância, a lida campeira, o gado, o cavalo estão presentes na paisagem, assim como fazem parte do marketing da vitivinicultura (estes elementos estão nos nomes e desenhos dos vinhos) e nas vinícolas.

Figura 7 - Pecuária e vinhedos na Campanha Gaúcha



Fonte: <https://www.vinhosdacampanha.com.br/enoturismo>. Acesso em: 25 e out. de 2022.

Já o Bioma Pampa, que é parte integrante do ecossistema local e confere uma paisagem típica aos vinhedos em áreas planas, juntamente com espécies de fauna e flora que são nativas deste bioma e dividem espaço com a vitivinicultura. Segundo Falcade (2003), a paisagem vitícola da Campanha é marcada pelo relevo plano com suaves ondulações, permitindo grandes extensões

de vinhedos e um horizonte homogêneo (Figura 8). O cerro Palomas também é um testemunho emblemático e sinalizador da Campanha Gaúcha, fazendo parte da paisagem (DAL PIZZOL; PASTOR, 2016). Tanto o bioma, quanto o relevo e o cerro Palomas podem ser vistos na figura 8.

A vegetação arbustiva também é preservada pelas vinícolas no contexto da propriedade, como exemplo, na Guatambu - Estância do Vinho, foi implantado um jardim com espécies da fauna do local, para também sinalizar a presença ambiental e preservá-la como um reduto ao enoturismo e a história local. Importantes elos do ambiente com a vitivinicultura, sendo algo que diferencia a região da Campanha Gaúcha das demais regiões de vinhos do Brasil e do mundo.

Figura 8- Vinhedos extensões e homogêneos



Fonte: <https://www.vinhosdacampanha.com.br/enoturismo>. Acesso em: 25 e out. de 2022.

Ainda, “na paisagem vitícola da Campanha Gaúcha estão às vinícolas, cantinas, empreendimentos de vitivinicultura, marketing, enoturismo e tecnologia” (MANFIO, 2018, p. 202). As vinícolas estão dispersas na paisagem da Campanha Gaúcha. Na maioria elas possuem uma arquitetura rústica e ao mesmo tempo com requinte moderno, a fim de contracenar com o espaço da pecuária e Pampa.

A figura do gaúcho, que faz parte da identidade histórica-cultural da região, também está enaltecida nas vinícolas, na paisagem, nos atores locais, através das vestimentas, dos almoços com churrasco, do cavalo e do peão passeando entre os vinhedos e mesmo das práticas enoturísticas,

que permitem cavalgadas entre os vinhedos. Conforme Dal Pizzol e Pastor (2016, p.269) “O vinho de bombacha e o gaúcho vinhateiro”, andando nos vinhedos, podando, colhendo e apreciando a nova cultura do vinho, com sotaque gaudério”, compõem a paisagem regional vitícola da Campanha Gaúcha.

A história, ademais, faz parte da paisagem, com os monumentos históricos como o Forte de Santa Tecla (Bagé-RS), importante símbolo das batalhas de posse das terras fronteiriças, os cemitérios, onde foram enterrados os generais da Revolução Farroupilha em Bagé e Hulha Negra e o Monumento da Paz em Dom Pedrito, onde teria sido assinado o fim da Revolução Farroupilha. Todos estes são explorados pelas vinícolas para mostrar um diferencial ao enoturismo que ora se inicia regionalmente.

Todas estas ferramentas, culturais, históricas e ambientais são articuladas na vitivinicultura através do suporte da Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha, que atuou na busca pela Indicação Geográfica, (Indicação de Procedência reconhecida em 2020), no fortalecimento do enoturismo e da vitivinicultura. A conquista da Indicação Geográfica é importante para a paisagem da Campanha Gaúcha no sentido de valorizar ainda mais o espaço, a paisagem e os produtos regionais. Assim, “Uma indicação Geográfica é uma metonímia” (FALCADE, 2011, p. 260), onde o lugar de origem e a paisagem podem ser representados como pontos – chave (FALCADE, 2011). Com a Indicação Geográfica cria-se um mecanismo de associação da paisagem com o produto e um impulso para vinculação desta com o enoturismo, proporcionando para a paisagem a condição de patrimônio cultural e vitícola, pois ela sustenta os elementos típicos do espaço, onde o vinho está inserido. É como se a paisagem fosse uma carta de imagens onde o turista aprecia e relaciona ao produto. Ver as paisagens torna-se atrativo para saborear o vinho e os elementos imateriais de identidade local.

Contudo, a paisagem vitícola da Campanha Gaúcha é uma mistura nítida da cultura, do ambiente, das antigas atividades locais (agricultura e pecuária), da história e da vitivinicultura. Uma paisagem que é distinta das demais, pelas suas particularidades, seja históricas, sociais, culturais ou ambientais, mas também pelos vinhos que ali são produzidos e pelo cenário construído em meio a vinícolas rústicas e modernas.

Considerações finais

As paisagens vitícolas não são todas semelhantes, na verdade são únicas, resultados de vários elementos, desde o natural, social, histórico; elas são produto e meio da relação sociedade natureza. Há paisagens tradicionais e outras recentes (modernas) quanto à produção de vinhos. Nas tradicionais são perceptíveis técnicas e domínio do espaço que eram próprios da sociedade

daquele tempo como, por exemplo, a cultura dos terraços com videiras próximas, do Vale do Douro. Já as novas paisagens do vinho estão marcadas pela modernidade, revelando as tecnologias, as máquinas e pesquisas. Logo, “A paisagem vitícola tradicional está relacionada às formas tradicionais da vitivinicultura, e à paisagem vitícola moderna, às formas recentes e, principalmente verticais de conduzir a videira” (FALCADE, 2011, p. 198). Posto isto, a paisagem do Douro revela uma tradição milenar, uma cultura vinícola que mesmo com a modernidade guarda traços de uma rica história e do reconhecimento mundial. Enquanto, a paisagem da Campanha Gaúcha se espelha numa paisagem em transformação, onde a vitivinicultura é jovem e tem transformado o espaço regional, além de não ter a visibilidade mundial que a do Douro. As particularidades destas duas paisagens do vinho foram descritas no texto e embora dada singularidade entre elas pode-se dizer que ambas são paisagens sociais, culturais e marcadas pelo vinho.

Em resumo, a paisagem vitícola do Douro Vinhateiro é milenar e reconhecida mundialmente, construída nos vales do Rio Douro e seus afluentes, com a marca de uma estrutura de terraços, onde predomina também a história portuguesa, a exemplo da presença das quintas, pinturas rupestres, castelos e monumentos. É uma paisagem que está retratada na história da vitivinicultura portuguesa, no desenvolvimento do famoso vinho do Porto e Douro e na origem do povo, na essência da religiosidade e dos “robustos” casarões, onde o enoturismo se beneficia das formas e memórias.

Diferentemente, a paisagem da Campanha Gaúcha é uma composição nova, formada partir da década de 1970, marcada por seu ambiente típico (o Pampa), pela cultura gaúcha e a inserção espanhola e portuguesa, pelas clássicas bases econômicas, como a: pecuária, que impõe ao espaço a presença de estâncias e do gado. Uma paisagem de grandes extensões de vinhedos modernos e em espaldeira. Uma paisagem que vem buscando reconhecimento com o desenvolvimento do enoturismo e com a aquisição de uma Indicação Geográfica (Indicação de Procedência- Vinhos da Campanha reconhecida em 2020).

Ao tentar ler estas duas paisagens e reconhecer a singularidade pode-se concluir que “a paisagem vitícola é original não só pela forma de conseguir o espaço rural, por permanecer longo tempo, mas pelo produto dos deuses que o homem extrai dela. Trata-se do resultado de muito trabalho e pode ser preservada [...]” (DAL PIZZOL; PASTOR, 2016, p. 66). Cada paisagem vitícola é única pela articulação dos elementos culturais, históricos, identitários e ambientais com o vinho. Afinal, nenhum povo e lugar são constituídos da mesma maneira. Além disso, o vinho não é o mesmo, pois compõem castas e modos de trabalho diferentes, que são particulares aos olhos dos atores locais e dos sujeitos observadores.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, e à Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro. A CAPES financiou os estudos, através das bolsas de pesquisa, dos quais resultaram neste artigo. Aos orientadores e mestres. E por fim, agradeço ao colega Fabrício Macedo pelas imagens compartilhadas dos trabalhos de campo no Douro.

Referências

- BECKER, E. L. S. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.
- BERQUE, A. Paisagem–marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para geografia cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L.(org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 84-91.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. **Revista RA´E GA**, 2004, n. 8, p. 141-152.
- BOLDRINI, I. I.; *et al.* **Bioma Pampa: diversidade florística e fisionômica**. Porto Alegre, editora Pallotti, 2010. 64 p.
- CARRERA, C. **Vinho do Porto e a região do Douro: História da primeira região demarcada**. Sintra-Portugal: Colares, 2002.
- CAVALCANTI, A. P. B. Abordagens geográficas no estudo da paisagem. **Breves Contribuciones del I.E.G.**, n. 22, p.57-74 2010/11.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1999.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 7-11.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- COSTA, L. de C. N.; GASTAL, S. de A. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, VI., Caxias do Sul, 2010. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 9 a 10 de julho de 2010.

COSTA, S. et. al. Landscape Art in Douro Cultural Landscape: Ornamental Gardens of Quintas. In: ECLAS Conference 2010 – **Cultural Landscape**, Istanbul Technical University, 29 Sept. - 2 Oct. 2010, p. 263-273.

DAL PIZZOL, R.; PASTOR, L. V. E. **Paisagens dos vinhedos rio-grandenses**. Bento Gonçalves: Instituto Rinaldo Dal Pizzol, 2016.

DUBRULE, P. **L'oenotourisme**: une valorisation des produits et du patrimoine vitivinicoles. Paris: Ministère de l'agriculture et de la pêche, 2007.

EMBRAPA. **Indicações Geográficas de Vinhos do Brasil**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil/ig-registrada/campanha-gaucha>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.

FALCADE, I. Paisagens vitícolas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITIVINICULTURA E ENOLOGIA, X., 2003. Bento Gonçalves - RS. **Anais...** Bento Gonçalves: EMBRAPA - Uva e Vinho, 2003. p. 133-136.

FALCADE, I. Reflexões sobre paisagens vitícolas no Brasil. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, II., 2006. Uberlândia – MG. **Anais...** Uberlândia – MG: UFU, 20 a 22 de jun. de 2006.

FALCADE, I. **A paisagem como representação espacial**: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de Procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil). 2011. 310f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós – Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FAUVRELLE, N. **Formas de armação do terreno no Alto Douro Vinhateiro**: proteção e gestão da paisagem. Publicações do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Porto, 2006.

FREITAS, L. F. R. de.; SILVEIRA, R. M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Educação**, 2004, ano XXVII, n.2, v.53, p. 263-281.

FLORES, S. S. **Vitivinicultura sustentável no contexto do Brasil**: uma proposta de abordagem. 2015. 341f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto de Geociências, 2015.

HEIDRICH, A. L. **Além do latifúndio**: geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

LOURENÇO-GOMES, L.; REBELO, J. Alto Douro Vinhateiro património da humanidade: a complexidade de um programa de preservação. **Revista de Turismo y Património Cultural – Pasos**, 2012, v. 10, n.1, p. 3-17.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (Re) Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In.: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

- MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, 2011, v. 23, nº 2, p. 159 – 177.
- MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V. A paisagem do vinho na Campanha Gaúcha. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele (org.). **A Uva e o Vinho como expressões de cultura, patrimônio e território**. Porto Alegre: Instituto de Geociências da UFRGS, 2017. p. 21-36. [recurso eletrônico].
- MANFIO, V. **Vitivinicultura e associativismo**: a dinâmica da Associação Vinhos da Campanha na formação de um território no Rio Grande do Sul, Brasil. 260f. 2018. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- MANFIO, V. Um olhar sobre a paisagem do Vinho do Douro, Portugal. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 1, n.1, p. 80-97, 2021.
- MANFIO, V. Uma leitura sobre a paisagem dos vinhedos: o caso do Douro em Portugal, da Serra Gaúcha e da Campanha Gaúcha no Brasil. **Espaço em Revista**, v. 24, n. 1, jan./jun. 2022, p. 532-555.
- MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA'É GA**, 2004, n. 8, p. 83-91.
- PINHO, M. C. G. O. A. de. **Casas de quintas no Douro – Proposta para um manual de intervenção**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestre em Engenharia Civil) – Universidade do Porto: Faculdade de Engenharia. Porto, 2012.
- RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 17-36.
- RIBEIRO, J. A. Caracterização genérica da região vinhateira do Alto Douro. **Douro – Estudos & Documentos**, 2000, v. 5, n. 10, p. 11-29.
- RISSO, L. C. Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e cultura**, 2008, n. 23, p. 67-76.
- SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**. 2001. p. 37-53.
- SALEH, F. P. Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha. **Revista Moda Palavra e - periódico**. 2015, v. 8, n. 15. www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/viewFile/5657/4109 [consulta 21 de ago. de 2017].
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1996.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.
- SCHIER, R. A. Trajetória do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA'É'GA**, n. 7, 2003.

SILVEIRA, E. L. D. Paisagem: um conceito chave da Geografia. In: 12º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA – EGAL, 12., 2009, **Anais...** Montevideu/Uruguai. Montevideu/Uruguai, 2009.

SOUSA, C.; MONTE, A. P.; FERNANDES, P. O. Impacto no turismo da região Demarcada do Alto Douro Vinhateiro, após a classificação de Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO, III., 2013. **Anais...** Barcelos: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, 2013.

SOUSA, F. de. **A identidade cultural do Vale do Douro no âmbito da União Europeia.** Disponível em:

<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/o-patrimonio-historico-cultural-da-regiao-de-braganca-zamora/a-identidade-cultural-do-vale-do-douro-no-ambito-da-uniao-europeia>. Acesso

em: 10 de julho de 2021.

SOUSA, F. de; PEREIRA, G. M. **Alto Douro:** Introdução - Douro Superior. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

SOUSA, J S. I. de. **Uvas para o Brasil.** São Paulo: Melhoramentos, 1969.